

► Cineclube Histórias & Memórias: crônica de um projeto de extensão com o fim anunciado

Rogério Ribeiro Fernandes*, Gabriel Teixeira Soares das Neves**, Hebron Fraiz Brangioni***, Patrick de Oliveira Guimarães****, Germano Barcelos Silva*****, Robert Rodrigo Pareto Cardoso*****

Resumo

O projeto *Cineclube Histórias & Memórias* foi apresentado oralmente, no dia 25 de novembro de 2015, durante o III Encontro de Extensão do IFFluminense não apenas com a finalidade de relatar ações desenvolvidas naquele ano em curso, mas também para fazer uma espécie de *mea culpa* e anunciar o seu próprio fim. Depois de três anos de efetivo funcionamento e de duas menções honrosas consecutivas no referido encontro de extensionistas, o cineclube do *campus* Quissamã fechou suas portas. Era necessário que isso acontecesse para que o projeto não deixasse de ser em vida o que um dia nascera para ser: tão somente um cineclube. Como assim? Ora, o projeto respeitou sim as razões para as quais fora criado em 2013, desenvolvendo ações que foram da clássica exibição comentada de filmes até a realização de eventos transdisciplinares que tomaram o filme como ponto de referência para o entendimento crítico da realidade local, regional ou mesmo nacional. No primeiro ano, foram exibidos menos filmes do que se esperava e apenas dois eventos foram realizados:

* Mestre em História, Centro de Memória Identidade Local e Patrimônio Coletivo, *campus* Quissamã. E-mail: rribeiro@iff.edu.br.

** Licenciado em Matemática, Laboratório de Computação Física, *campus* Quissamã. E-mail: gabriel.neves@iff.edu.br.

*** Discente do curso Técnico Integrado em Eletromecânica, *campus* Quissamã.

**** Discente do curso Técnico PROEJA em Segurança do Trabalho, *campus* Quissamã.

***** Discente do curso Técnico Subsequente em Segurança do Trabalho, *campus* Quissamã.

***** Discente do curso Técnico Subsequente em Eletromecânica, *campus* Quissamã.

uma mesa-redonda e um trabalho de registro de depoimentos e imagens relacionadas às manifestações de rua que marcaram o mês de julho de 2013. Nesse mesmo ano foi produzido e lançado o documentário “O Gancho” como parte de um trabalho de salvaguarda do patrimônio material da Companhia Engenho Central de Quissamã. Já em 2014, levando em consideração algumas dificuldades encontradas no ano anterior – a falta de sintonia entre as sessões e os horários das aulas regulares, bem como uma espécie de barreira invisível que afastava a comunidade externa do *campus* do IFFluminense – foi adotada uma outra estratégia: promover exposições comentadas de “O Gancho” fora do *campus* e de Quissamã. Mesmo com essa mudança de rumo, o objetivo maior do cineclubes foi mantido: desenvolver uma concepção crítica acerca do cinema e de temáticas suscitadas por filmes, de acordo com uma perspectiva de educação que visa formar seres pensantes ou cidadãos ativos. Partiu-se do entendimento de que extensão se define como um conjunto de ações em movimento e assim tomou para si o compromisso de variar suas estratégias e modos de agir. Neste último ano, em 2015, o cineclubes até tentou voltar às origens, promovendo exposições comentadas de filmes com temas locais e regionais, mas voltou a encontrar salas pouco frequentadas; a caravana “O Gancho” voltou à estrada dentro do calendário do FestFIC; foi criada e ministrada disciplina semestral intitulada *Cinema: Gêneros e Memórias*; foi retomada parceria com IPHAN e Prefeitura Municipal de Quissamã no sentido de realizar oficina de audiovisual e produzir mais um documentário, direcionado para salvaguarda da centenária banda União Quissamaense. Para 2016, havia a expectativa de que o projeto vestisse uma nova roupagem e estivesse sob a batuta de um novo coordenador, mas nada disso ocorreu; no apagar das luzes, veio a boa notícia de que um ex-bolsista do cineclubes resolveu, por iniciativa própria, montar o que ele chama de Cineclubes Nerd. E assim parece que as coisas seguem seu caminho.

Palavras-chave: Cinema. Cineclubes. Quissamã. Memória coletiva. Identidade social.

Introdução

Como se trata do segundo artigo escrito sobre o mesmo projeto e considerando que os pressupostos que nortearam a escrita do primeiro são praticamente idênticos aos deste segundo, não há muito que inovar no que se refere às informações teórico-metodológicas do projeto que, afinal, completou três anos de atuação ininterrupta no *campus* Quissamã e agora está sendo encerrado. Sabendo disso, quase tudo o que se diz a seguir acerca de fundamentos teóricos, relevância, justificativa e objetivos de *Cineclube: Histórias & Memórias* é tomado de empréstimo do artigo inicial e do próprio texto do projeto que foi submetido à apreciação da Câmara de Extensão do IFFluminense e que se encontra registrado no SUAP.

Tomando por base esses pressupostos, deve ser reafirmado que o desenvolvimento das ações de *Cineclube Histórias e Memórias* foi inspirado numa concepção de cineclubismo que oscilou entre o específico e o geral, entre o tradicional e o contemporâneo. De um lado, entendeu-se que a ação propriamente cineclubística deve começar com a associação de pessoas imbuídas do objetivo de fomentar a exibição comentada de filmes; de outro, compartilhou-se a ideia de que o cineclubismo não deve se restringir a esse ato originário, mas pode transcendê-lo no espaço e no tempo. O cineclubismo foi entendido como uma prática cultural que, em linhas gerais, se configura como associação de pessoas voltada para a exibição comentada de filmes e para o debate em torno de temas que contribuem para uma formação cidadã mais ampliada. De acordo com essa concepção, a ação cineclubística encontra-se norteada por três regras básicas: o cineclube não tem fins lucrativos, possui um compromisso ético e compartilha de uma estrutura democrática.

O referencial teórico específico deste projeto de cineclubismo, que vincula cinema, histórias e memórias, é o livro *Cinema e História*, escrito por Marc Ferro. Ferro trabalha com as diferentes temporalidades que podem ser observadas nos filmes: o tempo a que a narrativa se refere, o tempo do realizador e o tempo do espectador. Em nossos debates, sempre que possível, ao considerarmos um filme como

CULTURA

elemento potencializador para a análise do real, tivemos em mente a multiplicidade de tempos passados e presentes que poderia ser vivenciada a partir da experiência cinematográfica. No que se refere especificamente a essa experiência sensível e cognitiva que envolve a recepção do filme, os referenciais teóricos podem ser encontrados em outros clássicos, neste caso da teoria do cinema: aqui se incluem artigos já quase centenários de Hugo Mauerhofer, Hugo Munsterberg e Laura Mulvey, publicados no Brasil a partir da coletânea *A Experiência do Cinema*, organizada por Ismail Xavier.

O desenvolvimento do projeto *Cineclube Histórias & Memórias* se justificou por diversas razões, a começar pelo fato de que uma equipe de servidores do *campus* Quissamã do IFFluminense, desde o início das atividades do *Centro de Memória “Identidade Local & Patrimônio Coletivo”*, vem investindo esforços no desenvolvimento de trabalhos em audiovisual. Outra razão para a consecução deste projeto pode ser encontrada no fato de que o *campus* Quissamã já dispõe, nos últimos três anos, de cursos técnicos nas modalidades Integrado e PROEJA. Partindo do princípio de que essas modalidades de ensino se diferenciam de um aprendizado puramente técnico ao preconizarem uma formação educacional mais completa e diversificada, acredita-se que um projeto voltado para o trabalho com novas linguagens se enquadre perfeitamente nesta nova perspectiva de ensino e aprendizagem que, a propósito, é uma das diretrizes de atuação dos institutos federais que, na sua concepção filosófica e pedagógica, se distingue do perfil tecnicista das antigas escolas técnicas. Nesse caso específico, o Cineclube e o Centro de Memória foram pioneiros no *campus*, que atualmente conta com outros projetos de extensão com tal perspectiva de educação mais ampliada. Uma terceira razão, que, aliás, ultrapassa a fronteira do próprio *campus* e solidifica o perfil extensionista do projeto, é que não se pode ignorar que alguns segmentos da sociedade quissamaense – como também de diversas outras comunidades tradicionais ou neocomunidades do interior fluminense – trazem na sua formação cultural uma sensível ligação com o cinema. Uma quarta e última razão é que o filme já

se consagrou – na academia, na escola e na vida – como um objeto passível de ser investigado e analisado. Os estudos científicos e até mesmo livrescos que partem do filme enquanto meio narrativo para se chegar às coisas do mundo, esses vem recentemente se acumulando no mercado editorial e podem servir de suporte para os debates que vão acompanhar as exibições de filmes.

O objetivo geral deste projeto tem sido desenvolver, junto a segmentos da sociedade quissamaense e de municípios vizinhos, uma concepção crítica acerca do cinema e de certas temáticas suscitadas por filmes, de acordo com uma perspectiva de educação que visa formar seres pensantes ou cidadãos ativos. Seus objetivos específicos seriam: a) proporcionar a fruição do prazer da experiência cinematográfica em sintonia com o entendimento crítico da linguagem cinematográfica; b) difundir conhecimento sobre cinema, história e memória de modo integrado; c) fomentar o entendimento sobre eventos e sentimentos suscitados por filmes; d) promover a integração de diferentes disciplinas de Ensino Médio; e) potencializar o debate em torno de temas que, direta ou indiretamente, estejam ligados à identidade sociocultural, política e econômica da comunidade local ou mesorregional; f) desenvolver sensibilidades cada vez mais aguçadas entre pessoas dessas mesmas comunidades; g) praticar uma concepção de educação que transcenda tanto o cotidiano da sala de aula quanto o espaço físico da própria escola ou do município no qual o *campus* Quissamã está localizado.

A área de abrangência do *Cineclube Histórias & Memórias* era, em seu primeiro ano de atuação, circunscrita ao município de Quissamã. Já no segundo ano de funcionamento, o projeto passou a ter uma abrangência maior. O advento da *Caravana O Gancho*, com a proposta de ultrapassar as fronteiras de Quissamã, fez o cineclube aportar em outros municípios fluminenses: Campos dos Goytacazes, Itaperuna, Santo Antônio de Pádua e Bom Jesus do Itabapoana. Em seu terceiro e último ano, o cineclube retornou ao espaço modesto, porém originário da sala do Centro de Memória que, escanteada ao final de um corredor no segundo piso do *campus* Quissamã, carece da

visibilidade necessária para atrair um público cada vez maior para ações cuja proposta é inevitavelmente transcender portas e muros. Ao mesmo tempo, a *Caravana O Gancho* deu continuidade à sua trilha, indo um pouco mais longe no território fluminense; dentro da programação do FestFIC, visitou o Cefet Petrópolis e o IACS/UFF em Niterói; já no transcorrer da V Semana Fluminense do Patrimônio, a caravana ousou exibir o documentário que lhe empresta o nome numa sessão noturna, projetando imagens sobre as paredes externas de um cinema centenário, que faz parte das ruínas da Companhia Engenho Central de Quissamã.

O público que normalmente foi contemplado pelas sessões comentadas de filmes e por suas ações conexas foi composto, em linhas gerais, por pessoas da comunidade quissamaense e também de outros municípios fluminenses; a faixa etária desse público foi variável, dependendo do tipo de filme exibido e dos temas debatidos. Estima-se que aproximadamente 100 a 200 pessoas da comunidade interna do *campus* tenham participado das ações do cineclube; junte-se a isso cerca de 200 a 300 pessoas da comunidade externa. No total, o número de participantes efetivos gira em torno de 300 a 500 pessoas.

Neste último ano de 2015, extensão e ensino tiveram a oportunidade de se relacionarem com maior frequência a partir do cineclube. Isso ocorreu com a criação da disciplina *Cinema: Gêneros e Memórias*, que deveria assumir a transdisciplinaridade logo de pronto, reunindo pessoas apaixonadas por cinema. Cada uma delas poderia escolher um filme que marcou sua vida e compartilhá-lo através da exibição comentada com um grupo de alunos que, voluntariamente, escolheram participar desta disciplina em meio a outras tantas que lhe eram ofertadas para cumprir o crédito de Projeto Integrador, dentro do curso técnico integrado em Informática. Pois a disciplina, em vez de se limitar ao que fora pensado e proposto, acabou sendo subvertida pela vontade dos próprios alunos e pela aquiescência de um de seus professores, no caso eu mesmo, Rogério Fernandes. A pedido dos alunos, que não se contentavam em apenas assistir e debater os filmes, foi reeditada uma parceria com o IPHAN e a Prefeitura de Quissamã

com a finalidade de desenvolver uma nova oficina de audiovisual nos mesmos moldes da que produziu *O Gancho* em 2013. O resultado concreto foi a produção de outro documentário voltado para a educação patrimonial, desta vez focado na banda União Quissamaense, que completara 100 anos em 2015.

O que era para ser motivo de orgulho para o desenvolvimento do projeto – e que não deixa de sê-lo – acabou reafirmando o que já estava subentendido há dois anos: o cineclube não era mais um cineclube.

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, *Cineclube Histórias & Memórias* difere de outros cineclubes por não dispor de um grupo fixo de associados que esteja sempre presente em suas ações. O que mais se aproxima de um grupo com essa configuração é a tríade de pessoas que habitualmente conduz essas ações e que reúne, desde 2013, o coordenador do projeto e dois alunos bolsistas. No primeiro ano de desenvolvimento do projeto, os bolsistas foram Samanta dos Santos e Lucas Craveiro; ambos foram bastante ajudados por um aluno voluntário, Bruno Araújo. Já no segundo ano, houve uma troca de bolsistas, com a entrada de Patrick Guimarães e Lybianne Gomes. Em 2015, Patrick e Lybianne tiveram suas bolsas de extensão renovadas; em meados desse mesmo ano, Hebron Brangioni, que já atuava como voluntário, substituiu Lybianne, que preferiu dedicar um tempo maior às suas atividades de sala de aula.

Esse grupo de base, apesar das substituições pontuais, tem seguido o mesmo passo a passo que, em conjunto, configura a metodologia de trabalho do cineclube. Ainda que suscetíveis a adaptações circunstanciais, são os seguintes os passos dessa metodologia: 1) observação constante da realidade local e regional, dando especial atenção a temáticas que podem ser, direta ou indiretamente, relacionadas com algum filme; 2) seleção de filme ou filmes, considerando sua relação com a temática local ou

regional previamente observada; 3) estudo criterioso do filme escolhido, com fundamento na teoria do cinema e em estudos historiográficos; 4) elaboração de um evento, que pode consistir apenas na exibição comentada de filme ou na exibição acompanhada de atividades conexas (palestra, mesa-redonda, etc.); 5) divulgação do evento elaborado; 6) realização periódica de eventos, com intervalo temporal de no mínimo quinze e no máximo trinta dias; 7) acompanhamento e avaliação do evento realizado, o que pode ocorrer durante ou após a realização do mesmo. Parte-se do princípio de que este processo, como um todo, deve ser constante para se criar o hábito junto ao público.

Em obediência a uma característica essencial do cineclubismo, o público tem participação ativa nas sessões de cinema e também nas atividades conexas. Existem diversos instrumentos com os quais este mesmo público poderá se manifestar: 1) a fala livre nos momentos de debate; através dela, as pessoas serão estimuladas pelo mediador a fazerem não só observações pertinentes às temáticas que são discutidas, mas também poderão expor suas críticas e sugestões ao trabalho do cineclubista; 2) questionários que devem ser distribuídos durante as sessões; esses questionários poderão conter uma parte específica para a exposição de críticas e sugestões, com perguntas direcionadas; 3) entrevistas e dinâmicas de grupo; no caso desses dois instrumentos, por conta de sua feição coletiva, podem ser coletadas opiniões e sugestões e, simultaneamente, mensurar o alcance coletivo de cada uma delas.

Além desses recursos que remetem ao cineclubismo em sua essência, outros instrumentos de acompanhamento e, por conseguinte, de avaliação podem ser empregados, em especial no que se refere ao público interno do *campus*, composto por alunos e servidores. Neste caso, são sugeridos: 1) o diálogo constante com os diferentes segmentos desse público com o objetivo de aferir como tais pessoas têm reagido, do ponto de vista sensível ou cognitivo, às sessões de cinema; 2) a aferição contínua, junto aos professores, do resultado da aplicação em avaliações formais, sempre que possível, de questões que vinculem as temáticas debatidas a partir dos filmes com os conteúdos curriculares de diferentes disciplinas.

Os resultados obtidos foram tornados públicos através dos seguintes meios: 1) participação em eventos (I e II Semana de Cultura e Integração do *campus* Quissamã, V Semana Fluminense do Patrimônio, III Encontro de Extensão do IFFluminense); 2) produção e exibição de *trailers* e documentários em audiovisual; 3) elaboração de dois artigos sobre o projeto.

Óia nós aí, traveiz! Reiteradamente estranhos...

Deve parecer algo louco para o leitor encontrar, num texto que se propõe a ser sério, um subtítulo assim tão informal. Ainda que a expressão aqui empregada não seja propriamente uma novidade, quando se diz “Óia nós aí, traveiz”, abusando do coloquialismo, isso provoca um certo estranhamento. Pois é exatamente a partir da experiência do estranhamento – e estranhamento não de um em relação ao outro, mas de um em relação a si mesmo – que se inicia este relato de experiências.

Em primeiro lugar, é estranho pensar que um projeto de extensão com nome de grafia composta e tão pouco original como “Cineclube: Histórias & Memórias” tenha tido fôlego para sobreviver por três anos consecutivos e, ao longo de cada um deles, tenha se reinventado de tal maneira que hoje não se reconheça mais, a ponto de parecer a síntese de uma figura de linguagem: a de uma alma mal alojada num corpo que não lhe pertence. Ou, pelo menos, que não lhe pertence mais, porque certamente em algum dia – de preferência o de seu nascimento, em 22 de abril de 2013 – já lhe pertenceu porque, do contrário, toda sua trajetória não seria mais do que um breve exercício de esquizofrenia. Quase se está a dizer que esse cineclube não é mais o que deveria ser... um cineclube.

Também é estranho imaginar que um projeto assim, assumidamente autocrítico e mutável, ainda consiga não sucumbir à sua própria autofagia. Pois quando devorado pelas beiradas é que ele mesmo se regenera, cada vez mais diferente e indigesto do que era antes. Como assim? Em 2013, o cineclube nasceu como um cineclube mesmo: sua intenção era de reunir aficionados por cinema, constituir-

se como um grupo de espectadores com prazer no olhar e crítica na fala e, acima de tudo, curtir filmes, muitos filmes com regularidade, debatendo questões que girassem em torno de história e memória, preferencialmente histórias e memórias locais de Quissamã. No mesmo ano em que nasceu, o cineclube quase morreu por inapetência: ou porque não se configurou o grupo com a fidelidade que era de se esperar dos aficionados, ou porque a comunidade externa continuou sendo externa mesmo, quase não comparecendo às sessões, o que colocava em xeque o cineclube como projeto de extensão. Qualquer extensionista sabe que, sem pessoas de fora, não há extensão; qualquer cinéfilo sabe que, na ausência de um público fiel, inexistente um cineclube.

O mais surpreendentemente estranho é que um projeto com essa propensão para se autoestranhar tenha convencido sua própria equipe a garantir-lhe sobrevivência de três anos e, mais ainda, tenha seduzido avaliadores em duas diferentes edições do Encontro de Extensão do Instituto Federal Fluminense – no caso, o II Encontro realizado no *campus* Campos Guarus e o III no *campus* Campos Centro – a lhe conferir Menção Honrosa e convite para publicação de artigo no Caderno de Extensão do mesmo IFFluminense.

Agora o mal está feito, o convite foi aceito e o texto propriamente dito vem logo a seguir...



Figura 1. Coordenador do projeto parece indeciso diante de um cenário cinematográfico

Cineclube: ação em movimento

O primeiro desafio a ser enfrentado aqui é o de escrever um texto novo, diferente do anterior que foi publicado no volume II de Cadernos de Extensão. Por conta disso, são justificáveis duas ousadias: a opção por um título que não é o do projeto, pois o mesmo iria se repetir à medida que o título do projeto é exatamente o mesmo há três anos; a opção também por uma escrita menos formal, que não lembrasse a linguagem referencial do primeiro artigo, considerando que as experiências aqui relatadas são outras, mas sua essência continua sendo a mesma das que foram descritas no artigo anterior. E aí reside uma contradição: se o projeto é assumidamente mutável e mutante, como pode existir algo de essencial nas suas ações?

O segundo desafio é, portanto, este, o de enfrentar uma contradição manifesta. Pode haver uma essência em algo que muda? Claro que sim. Do contrário, não existiriam parâmetros para se perceber que algo efetivamente mudou, que não é tão simplesmente outra coisa sem nenhum tipo de ligação com a anterior. No caso de Cineclube: Histórias & Memórias, a sua essencialidade até poderia residir no óbvio, que aparece em cada uma das palavras de seu título, mas, na verdade, ela habita a própria definição de extensão que, desde o início, vem inspirando as ações deste projeto. É bom que se saiba, antes que afirmem outra coisa, que extensão aqui se entende como “ação em movimento”.

Isso mesmo! Extensão é antes de tudo o ato, não a potência que o inspira. Neste aspecto em particular, ela difere e muito da pesquisa, que para se efetivar enquanto tal precisa de teoria e de procedimentos metodológicos previamente definidos. São verdadeiros argumentos de autoridade que, sem os quais, não se pode reconhecer como válidos os conhecimentos obtidos com a pesquisa. Ora, com a extensão não é bem assim: ainda que não prescindam de fundamentos teóricos e procedimentais, as ações extensionistas são antes de tudo ações. Caso não o sejam e tudo mais fique restrito a uma longa divagação teórica, simplesmente não há extensão.

Com o Cineclube: Histórias & Memórias, as coisas transcorreram mais ou menos assim. Em 2013, ele nasceu como fruto do desejo e

da formação acadêmica de um docente que, em algum momento de sua vida, amou e refletiu bastante sobre cinema. Graduado em Comunicação Social, com especialização em Jornalismo e Cinema, esse sujeito – no caso, eu mesmo – ingressou no mercado num contexto em que não havia como sobreviver nem de uma coisa, nem de outra. Por isso resolveu cursar licenciatura em História e se tornou professor. Depois de mais de 20 anos ininterruptos de sala de aula, enxergou no *campus* Quissamã do IFFluminense a oportunidade de reviver um pouco do passado e compartilhar experiências que iam bem além da História com pessoas da comunidade. Foi aí que surgiu o cineclubes como projeto de extensão. Como já foi dito, em seu primeiro ano, estive muito perto de não dar certo por escassez de público. Já no segundo ano, em 2014, numa tentativa de resolver o problema é que o projeto em si ultrapassou fronteiras e se tornou itinerante: se o desinteresse das pessoas em comparecer ao *campus* para assistir e debater filmes era notório, então que o cineclubes saísse do próprio *campus* e de Quissamã. Criou-se a *Caravana O Gancho* com a finalidade de conduzir o documentário homônimo a diversos lugares. E assim foi-se a Campos dos Goytacazes, Santo Antônio de Pádua, Bom Jesus do Itabapoana e Itaperuna. O cineclubes praticamente se fundiu ao Centro de Memória Identidade Local & Patrimônio Coletivo, outro projeto de nome composto e coordenado por mim. Juntos, os bolsistas dos dois projetos passaram a desenvolver ações que não mais se restringiam à exibição comentada de filmes. A pegada ou, numa definição mais acertada, a personalidade do projeto agora era outra: ia da produção audiovisual à participação em eventos culturais os mais diversos, fosse realizando coberturas ou atuando na organização desses eventos.

Agora, em 2015...

Resultados, Desenvolvimento e Discussão

A trajetória de *Cineclube Histórias & Memórias* em seus dois primeiros anos de existência foi narrada em detalhes no artigo que precedeu este e foi publicado no segundo volume dos *Cadernos de Extensão* do IFFluminense. Em 2013, as ações se concentraram naquilo que manda o figurino tradicional dos cineclubes, com exibições comentadas de filmes, mas elas esbarraram em alguns contratempos: o primeiro foi a incompatibilidade de horários entre as sessões e as aulas regulares, o segundo foi a resistência de docentes com formação técnica e tecnológica; o terceiro foi a falta de hábito que a comunidade tinha de frequentar o *campus*. Nesse mesmo ano, surgiu a oportunidade de produzir um documentário a partir de uma oficina gestada em parceria com o IPHAN e com a Fundação de Cultura da Prefeitura Municipal de Quissamã; assim surgiu *O Gancho* e, como consequência, apareceram os primeiros sinais de que o cineclube podia cumprir um destino diverso do protocolar. Em 2014, depois de muito ponderar se o cineclube podia superar suas dificuldades originárias, o projeto foi renovado e reformulado; suas ações foram direcionadas para além das fronteiras do *campus* e do município de Quissamã, através da *Caravana O Gancho*. O cineclube assumiu uma feição toda própria, que cada vez mais o diferenciava dos cineclubes tradicionais. Ele passou a ser, acima de tudo, itinerante, ainda que de quando em vez olhasse para o próprio umbigo e exibisse um filme ou outro no seu *campus* de origem. Já em 2015, o projeto se assumiu de vez como algo diferenciado: de início, retomou sua feição originária, exibindo e comentando filmes, como se pode observar a partir da listagem que se segue:

1) Filme: *Que bom te ver viva!*, de Lúcia Murat (1989).

Data: 10/03/2015

Local: sala do Centro de Memória, no *campus* Quissamã

Evento: IX Mostra de Cinema e Direitos Humanos no Hemisfério Sul - Democratizando

Atividade: um dos filmes sugeridos pela IX Mostra de Cinema e Direitos Humanos, foi exibido com apoio do professor de Educação

Física, Gabriel Marques; o debate abordou questões como condição feminina e tortura.

2) Filme: *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho (1984).

Data: 11/03/2015

Local: sala do Centro de Memória, no *campus* Quissamã

Evento: IX Mostra de Cinema e Direitos Humanos no Hemisfério Sul - Democratizando

Atividade: também integrante da IX Mostra de Cinema e Direitos Humanos, foi exibido durante a aula da professora de Artes Visuais, Anelise Tietz; com esse filme, prestou-se uma singela homenagem ao diretor Eduardo Coutinho, pouco mais de um ano depois de sua morte brutal; os presentes tiveram oportunidade de conhecer uma estrutura narrativa diferenciada para o filme documentário e debater a questão da autonomia das populações camponesas no Brasil.

3) Filmes: *Narradores do Açú*, de Vítor Menezes (2011) *Ignorados*, de Alexandro Florentino (2012)

Data: 11/05/2015

Local: sala do Centro de Memória, no *campus* Quissamã

Evento: II Semana de Cultura e Integração do *campus* Quissamã

Atividade: os dois documentários, focados nos conflitos gerados pela construção do Complexo do Porto do Açú em São João da Barra, foram exibidos para fomentar o debate em torno de problemas sociais similares que estavam ocorrendo no povoado de Barra do Furado, na fronteira entre Quissamã e Campos dos Goytacazes.

4) Filme: *Nilo Peçanha*, produção da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes (2014).

Data: 12/05/2015

Local: sala do Centro de Memória, no *campus* Quissamã

Evento: II Semana de Cultura e Integração do *campus* Quissamã

Atividade: a exibição comentada deste documentário potencializou

o debate em torno de duas questões – a primeira direcionada para a fundação e a história da antiga escola técnica que deu origem ao Instituto Federal Fluminense; a segunda voltada para a problemática da ascensão social do afrodescendente Nilo Peçanha numa cidade e num país marcados pela escravidão e pelo preconceito étnico.

5) Filme: *José do Patrocínio*, produção da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes (2014).

Data: 13/05/2015

Local: sala do Centro de Memória, no *campus* Quissamã

Evento: II Semana de Cultura e Integração do *campus* Quissamã

Atividade: sua exibição comentada fomentou o debate sobre o abolicionismo e sobre as condições em que vivem os descendentes de populações escravizadas na Baixada Campista.

6) Filme: *O Gancho*, produção coletiva de alunos do IFFluminense *campus* Quissamã (2013).

Data: 13/05/2015

Local: auditório do *campus* Quissamã

Evento: II Semana de Cultura e Integração do *campus* Quissamã

Atividade: exibido para alunos do CIEP Amílcar Pereira da Silva, o documentário que trata da memória afetiva da Companhia Engenho Central de Quissamã despertou os jovens para a necessidade de preservar a memória de sua coletividade.

7) Filmes: *O Gancho* (2013) e *Areias de Quissamã*, produção coletiva NUPEM UFRJ (2013)

Data: 14/05/2015

Local: sala do Centro de Memória, no *campus* Quissamã

Evento: II Semana de Cultura e Integração do *campus* Quissamã

Atividade: os dois documentários foram exibidos para alunos e servidores vinculados aos centros de memória dos *campi* do IFFluminense de Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci e Santo

Antônio de Pádua; eles estiveram presentes no *campus* Quissamã por ocasião da II Semana de Integração e Cultura e participaram de uma oficina de audiovisual e da exibição comentada dos filmes que são produtos coletivos e institucionalizados que tratam da problemática do patrimônio histórico, no caso de *O Gancho*, e do patrimônio ambiental, no caso de *Areias de Quissamã*.

8) Filme: *Retalhos*, de Antonio Molina e Javier Lifschitz (2006).

Data: 15/05/2015

Local: sala do Centro de Memória, no *campus* Quissamã

Evento: II Semana de Cultura e Integração do *campus* Quissamã

Atividade: documentário ambientado na neocomunidade de Machadinha, *Retalhos* motivou um debate sobre a problemática do protagonismo na memória coletiva; as pessoas concluíram que não existe verdade absoluta sobre as questões da vida.

Um bom observador já deve ter percebido que as exibições comentadas de filmes estiveram ligadas a eventos de maior amplitude, com destaque para IX Mostra de Cinema e Direitos Humanos no Hemisfério Sul - Democratizando e II Semana de Cultura e Integração do *campus* Quissamã. De casual, isso não teve nada; na verdade, foi uma estratégia adotada para conferir visibilidade ao Cineclub e contornar certas resistências que poderiam minar a tentativa de fazê-lo retomar a rotina de exibições regulares. Cada um desses eventos funcionou, portanto, como elemento catalisador para a volta segura do cineclub às suas origens, realizando suas sessões dentro do próprio *campus* e assim tentando atrair público interno e externo.

Outra estratégia pensada para solidificar o Cineclub foi deslocá-lo um pouco do território livre da extensão e aproximá-lo do ambiente institucionalmente já consagrado do ensino. Dessa maneira, acreditava-se que seria possível afrouxar um pouco mais os nós de resistência e – por que não dizer? – de preconceito que ainda se apresentam como obstáculos às ações de extensão como um todo, particularmente aquelas

que giram em torno de questões culturais que, por mais importantes que sejam, carecem de reconhecimento devido numa instituição com forte tradição técnica e tecnológica, como é o caso do IFFluminense. A porta de acesso ao ensino, nesse caso, foi a disciplina Projeto Integrador, proposta inovadora do professor Daniel Vasconcelos que, atualmente, é parte integrante da grade curricular do curso técnico de Ensino Médio Integrado em Informática do *campus* Quissamã. De acordo com essa proposta, Projeto Integrador comporta cursos das mais variadas temáticas e os incorpora à formação dos alunos de modo voluntário. Basta o docente apresentar um Plano de Ensino e, caso o mesmo seja aprovado, ministrar o curso ao longo de um semestre ou mais; os alunos podem voluntariamente escolher o curso que mais lhes interessa. No caso do projeto de extensão do Cineclube, ele foi a fonte de inspiração para o curso intitulado *Cinema: Gêneros e Memórias*, cuja proposta foi reunir servidores com as mais diversas formações acadêmicas e possibilitar que cada um deles exibisse pelo menos um filme à sua escolha e estimulasse um debate em torno de alguma questão relacionada ao filme exibido. A princípio, cada servidor ficaria encarregado de escolher um filme por gênero cinematográfico, o que possibilitaria aos alunos inscritos na disciplina perceber a diversidade temática da narrativa cinematográfica.



Figura 2. Equipe da disciplina Cinema: Gêneros e Memórias

Foram duas estratégias que não cumpriram o esperado. A primeira ficou condicionada à ocorrência de novos eventos no *campus* e os que se seguiram não foram exatamente ideais para potencializar o Cineclube como um cineclube mesmo. Faltaram novas oportunidades para exibir e debater filmes e sobraram outras para se fazer coberturas em audiovisual e produzir documentários. A segunda estratégia foi obstaculizada pela vontade própria dos alunos inscritos na disciplina: a maioria deles manifestou desejo de produzir um filme e não apenas assistir a outros que já foram produzidos. Com base nesse desejo manifesto, foi retomada a parceria com o IPHAN e com a Coordenadoria de Cultura da Prefeitura Municipal de Quissamã para custear a realização de uma oficina de produção audiovisual. O acordo firmado resultou no compromisso de produzir um documentário sobre a banda União Quissamaense, que completava 100 anos de existência em 2015.



Figura 3. Equipe do documentário Banda União Quissamaense

O tempo outrora destinado às exibições comentadas teve de ser reequacionado para as ações próprias da produção do documentário. Isso não impediu a exibição de alguns filmes, mas o foco teve de ser redirecionado. Pelo menos uma das exibições comentadas relacionadas ao Projeto Integrador é merecedora de destaque.

Filme: *Paradise Now*, de Hant Abu-Assad (2005)

Data: 24/06/2015

Local: sala do Centro de Memória, no *campus* Quissamã

Evento: Disciplina Projeto Integrador (Cinema: Gêneros e Memórias)

Atividade: sugerido pelo professor de Matemática, Gabriel Neves, o filme foi exibido num contexto particularmente delicado para o mundo ocidental, quando recrudescia a escalada do terrorismo na Europa e nos Estados Unidos, capitaneada pelo Estado Islâmico; trouxe para o debate a polêmica da Guerra Santa e da situação de desigualdade social em que vivem comunidades de imigrantes muçulmanos no Velho Continente.

Essa atividade proposta pelo professor Gabriel funcionou como um alento. Diante de uma convergência cada vez maior de esforços do Cineclube no sentido de produzir e não tanto de exibir, a sessão de *Paradise Now*, marcada pela sinergia entre Gabriel e os alunos no terreno do debate a partir de um filme, apontou para a possibilidade de que o próprio professor de Matemática adotasse o Cineclube e, num futuro próximo, reescrevesse o seu projeto e o reaproximasse de sua proposta original. Mas também isso não deu certo, por razões que mais adiante serão detalhadas.

Também em 2015, o *Cineclube Histórias & Memórias* retomou a proposta itinerante da *Caravana O Gancho*. Foram realizadas duas apresentações deste documentário homônimo, voltado para a educação patrimonial a partir da memória afetiva da Companhia Engenho Central de Quissamã; ambas incorporadas ao cronograma do FestFIC (Festival Interuniversitário de Cultura) 2015.

1) Filme: *O Gancho*, produção coletiva de alunos do IFFluminense *campus* Quissamã (2013)

Data: 06/07/2015

Local: sala de cinema do IACS/UFF, em Niterói-RJ

Evento: Festival Interuniversitário de Cultura (FestFIC) 2015

Atividade: o documentário foi exibido e debatido como parte integrante da agenda do FestFIC 2015; a Universidade Federal Fluminense encontrava-se em estado de greve e o Instituto Federal Fluminense estava em iminência de paralisar suas atividades; mesmo assim, a *Caravana O Gancho* seguiu pela estrada para se apresentar a um público de apenas cinco pessoas; de qualquer modo, o documentário cumpriu o cronograma e ensaiou uma espécie de retorno às origens, conduzindo o coordenador do projeto ao lugar em que ele mesmo se formou em Cinema, há mais de 20 anos; estiveram presentes nesta ocasião o professor de Meio Ambiente, Renato Barcellos, e o bibliotecário do *campus* Quissamã, André dos Santos Silva.

2) Filme: *O Gancho*, produção coletiva de alunos do IFFluminense *campus* Quissamã (2013)

Data: 10/07/2015

Local: salão nobre do Cefet *campus* Petrópolis, em Petrópolis-RJ

Evento: Festival Interuniversitário de Cultura (FestFIC) 2015

Atividade: em sua segunda participação dentro da programação do FestFIC 2015, a *Caravana O Gancho* subiu a Serra dos Órgãos e aportou na Cidade Imperial; foi providencial abrir um debate de educação patrimonial numa cidade que foi capital da antiga província fluminense e mais ainda no salão que outrora sediou a Assembleia Legislativa dessa mesma província, da qual Quissamã foi parte integrante e o Engenho Central marcou época; nesta ocasião, o professor de Informática Daniel Vasconcelos se fez presente e apresentou o projeto de *games* de educação patrimonial que vinha desenvolvendo em parceria com o Centro de Memória do *campus* Quissamã; também marcou presença o bibliotecário André Silva.



Figura 4. Caravana O Gancho no Cefet Petrópolis

A *Caravana O Gancho* também foi incorporada a outro grande evento, desta vez realizado em Quissamã: a V Semana Fluminense do Patrimônio, cuja organização reúne anualmente instituições como FIOCRUZ, IPHAN, INEPAC, Fundação Jardim Botânico e Museu Nacional da Quinta da Boavista. Numa noite de sexta-feira, 13 de novembro de 2015, a Caravana desembarcou na Vila Operária do Engenho Central de Quissamã. Naquele lugar meio mítico e quase abandonado, que é parte integrante do patrimônio material que ainda resta do complexo do Engenho, foram exibidos *O Gancho* e um *trailer* sobre a própria Caravana, anunciando um novo documentário que ainda está para ser editado e lançado. *O Gancho*, particularmente, foi projetado sobre as paredes em ruínas do antigo cinema da Vila Operária. Estiveram presentes mais de 100 pessoas, das mais variadas gerações. Antes da exibição, ocorreu um passeio ciclístico pelas ruas de Quissamã, com carro de som anunciando o evento noturno, num lugar afastado do centro da cidade: durante, não faltou carrinho e cheiro de pipoca amanteigada e nem mesmo os bons fantasmas deixaram de se fazer presentes. Alguns foram avistados felizes e circulando pelas ruas ainda descalças da Vila. Foi naquele lugar cercado de simbolismos que se encerrou a Caravana e ali, muito provavelmente, ocorreu a última exibição comentada do *Cineclube Histórias & Memórias*. Foi justamente ali que seu sobrenome composto se justificou plenamente.



Figura 5. Caravana O Gancho na Vila Operária do Engenho Central



Figura 6. Equipes dos Centros de Memória visitam o *campus* Quissamã



Figura 7. V Semana Fluminense do Patrimônio

Cineclube Histórias & Memórias demorou três anos para cumprir sua sentença de origem. Ele, que nasceu com propensão para a morte, demorou um longo tempo para configurar uma história que hoje parece crônica... com a devida licença de Gabriel Garcia Marques, *Crônica de uma Morte Anunciada*.

Uma despedida repleta de gente

O ato de despedida do projeto tinha de ser diferente do habitual. Se até então esse relato de experiências foi direcionado para ações pontuais e eventos que, de alguma maneira, serviram para pavimentar a trajetória do Cineclube, a partir de agora o lado humano do projeto tem de aflorar e vir a público. Sendo assim, o texto se encerra com as pessoas que, ao longo de 2015 e dos dois primeiros meses de 2016, marcaram suas presenças em *Cineclube Histórias & Memórias*. É claro que o espaço era limitado e nem todos os merecedores puderam ofertar sua contribuição. Mesmo assim, entretanto, deve ficar bastante claro que foi gente, nada além de gente, quem fez acontecer o projeto.

Em 2015, o Cineclube contou com dois bolsistas de extensão: Patrick de Oliveira Guimarães, aluno do curso de Segurança do Trabalho que emplacou seu segundo ano consecutivo na equipe do projeto, e Hebron Fraiz Brangioni, que substituiu a antiga bolsista Lybianne Gomes e assim debutou na extensão e no Cineclube. É bom frisar que esse *début* de Hebron ocorreu justamente em seu último ano como aluno do curso de Integrado em Eletromecânica do *campus* Quissamã. Sua decisão de substituir sua colega de turma, Lybianne, foi merecedora de um questionamento: será que ele, completando um curso cuja carga horária é intensa, poderia dar conta dos compromissos de um bolsista? Pois a resposta foi pronta e imediata: Hebron deu conta sim de suas tarefas e, ao que parece, soube conciliá-las com o curso, a ponto de não se sentir prejudicado em seu desempenho escolar. Mas antes de ser propriamente bolsista, ele experimentou o voluntariado

informal na equipe do projeto, o que parece ter-lhe dado a segurança necessária para aceitar substituir a colega. Hebron não se fez de rogado: nunca havia operado uma câmera de vídeo semiprofissional e aprendeu rápido; nunca havia montado um tripé e também aprendeu; nunca havia editado e agora tem segurança para fazê-lo. Excetuando essas questões mais técnicas, que tem a ver com o perfil de um cineclubista que também produz seus filmes, Hebron já havia assistido a muitos filmes e, em sala de aula, também já havia demonstrado que sabe expor suas opiniões e debater. Pois foi justamente o que procurou fazer nas sessões do Cineclubista; com sua voz pausada e o jeito ponderado de defender suas opiniões, ele acrescentou muito aos debates que sempre acompanhavam os filmes exibidos. Em seu depoimento, esse mesmo jeito de ser, equilibrado e cordato, não deixa de transparecer.

Inscrever-me para a bolsa do Cineclubista foi uma decisão de grande impacto na minha vida. Poder fazer parte desse projeto se refletiu no meu modo de ver muitas coisas e até me fez perceber coisas que antes ignorava.

Na II Semana de Integração e Cultura, pude conhecer o trabalho realizado pelos bolsistas: a apresentação de filmes culturais tanto sobre a região em que vivo atualmente e sobre o Brasil e os debates feitos logo em seguida ao filme, apesar de momentos curtos, se constituíram numa grande experiência para mim. Poder levar e proporcionar esse mesmo tipo de experiência para outras pessoas, apesar de por pouco tempo, me trouxe grande satisfação.

Pude ir além da II Semana de Integração e Cultura e participar de um dos eventos mais importantes de cultura da região, a V Semana Fluminense do Patrimônio. Ali tive a oportunidade de apresentar o trabalho dos meus colegas integrantes do projeto que passaram por ele antes de mim e também um pouco do que eu mesmo havia feito para a comunidade. Além de que, se não estivesse no projeto, provavelmente não participaria desse e de outros eventos; hoje, fico muito feliz já que pude participar desse e de outros eventos.

*Fomos além, não só apresentamos filmes e documentários, mas também fizemos os nossos. O documentário **O Gancho** pôde ser exibido em vários locais diferentes, sendo isso motivo de*

grande alegria. Ainda se encontra em fase de produção um novo documentário sobre a Banda Musical União Quissamaense, cujas atividades foram iniciadas em 2015, no ano do centésimo aniversário da banda.

*Saindo do audiovisual, participei também do processo de digitação de um livro antigo (**Estudos Agrícolas**, do Barão do Monte de Cedro) em interação com os bolsistas do Centro de Memória. O Cineclube interagiu inclusive com uma das disciplinas que os alunos do curso de Ensino Médio Integrado em Informática tinham possibilidade de fazer “Cinema: Gêneros e Memórias”. Todas essas realizações e participações fizeram com que o Cineclube perdesse sua identidade. O encerramento do projeto, apesar de precoce, se deu apenas no papel, pois os alunos, quando possível, se encontram para assistir filmes e fazer debates sobre os mesmos, com temáticas um pouco diferentes, é claro! Mas o Cineclube está vivo.*

O outro bolsista pode ser considerado um veterano na extensão e mais especificamente no Cineclube. Desde que ingressou na equipe, em 2014, até o final do cronograma de atividades já em fevereiro de 2016, Patrick desempenhou suas funções sem restrições, a ponto de misturar suas obrigações voluntariamente com as do *Centro de Memória Identidade Local e Patrimônio Coletivo*. Assim como eu, que coordenei os dois projetos simultaneamente, foi Patrick quem os colocou numa relação de proximidade tal que suas ações não mais podiam se desvencilhar: o Cineclube e o Centro de Memória passaram a atuar juntos e, muito em função dos perfis das duas bolsistas desse último projeto de extensão – uma dedicada exclusivamente às atividades de edição e *design* gráfico, outra que se esforçou mas não conseguiu cumprir a função de produtora-executiva e responsável pelos equipamentos e acervo do Centro de Memória – foi Patrick quem verdadeiramente tomou para si a responsabilidade de fazer as coberturas, organizar arquivos e cuidar dos equipamentos. Com a entrada de Hebron e mais dois voluntários na equipe, ele passou a atuar como elemento catalisador das ações conjuntas dos dois projetos. Em certa medida, fez na condição de bolsista o que

eu mesmo já vinha fazendo como coordenador de ambos os projetos. Mas Patrick não foi culpado, em hipótese nenhuma, da perda gradativa de identidade do Cineclubes; muito pelo contrário, foi ele quem, muito mais do que eu, garantiu o sopro de vida dos dois projetos. Alguns dias antes da apresentação oral do Cineclubes, por ocasião do III Encontro de Extensão, Patrick foi certamente o primeiro a saber que eu estava prestes a assinar uma espécie de atestado de óbito deste projeto de três anos; foi ele quem me segredou que, se era mesmo para se despedir, junto a Hebron e os voluntários, faria uma apresentação merecedora de reconhecimento público. Foi mais ou menos o que aconteceu: a exposição oral do Cineclubes foi distinguida com Menção Honrosa e o artigo que aqui está é consequência disso. O depoimento de Patrick pontua cada uma das ações em que ele diretamente participou e seus desdobramentos cognitivos para sua formação pessoal.

*Em 2015, eu tive grandes experiências positivas na equipe do projeto Cineclubes. Logo no início do ano, houve a II Semana de Cultura e Integração do **campus** Quissamã; nessa semana, apresentamos vários filmes e ao final de todos abrimos para debate. Todos eles foram produtivos, já que a partir dali, daqueles debates, foi gerado interesse em novos companheiros de trabalho. Houve uma troca de conhecimento com o público presente e assim compartilhamos algo novo. Pouco depois, começamos, em conjunto com a equipe do Centro de Memória, a digitar o livro **Estudos Agrícolas**; com esse trabalho, pude conhecer um livro antigo que narra a história local de Quissamã, a história da terra em que minha avó foi criada. Foi algo muito bom e produtivo! Depois disso, continuamos com a **Caravana O Gancho**, indo a mais duas cidades dentro do cronograma do FestFIC. Infelizmente, eu que já havia visitado outras cidades com a Caravana, dessa vez fiquei de fora e não pude ir por conta de compromissos de aula. No continuar do ano de 2015, começamos a produzir dois documentários, o primeiro sobre a **Caravana O Gancho** que conta a trajetória das exibições do documentário em diversas cidades, mostrando às vezes que ele, fora de Quissamã, parece ser mais conhecido do que na sua cidade de origem. O mais legal desse*

*documentário foi que as pessoas que participavam dos debates começaram a pensar nos patrimônios históricos que existem em suas cidades, mas que elas mesmas nem sequer pensavam em tentar proteger esses patrimônios. Assim chegávamos a um dos objetivos da Caravana: colocar aquela pulga atrás da orelha de quem assistia e debatia no sentido de que não acontecesse com o patrimônio histórico de outros lugares o que acontecera com a velha Usina de Quissamã. É muito legal ver, no documentário que estamos produzindo, as pessoas pensando sobre o assunto. O documentário ainda não está pronto, mas já temos um **trailer** que foi apresentado junto com de outro documentário, o da banda União Quissamaense, sobre as ruínas do velho cinema da Vila Operária do Engenho Central, local onde se iniciou a história de **O Gancho** e onde declaramos o fim da Caravana, recolhendo assinaturas para reabrir o processo de tombamento da Usina. Essa exibição foi parte integrante da V Semana Fluminense do Patrimônio, evento que foi muito bom para mim, porque atuei diretamente na projeção de filmes. Fui temporariamente contratado para desempenhar a função de projetorista, em minha primeira oportunidade de trabalho na área de cultura. Assim se abriu um leque novo de opções que apareceram para mim e que eu agarrei com todas as forças. Foi uma semana muito boa, mas tudo que é bom chega ao fim!*

*A minha opinião sobre a não renovação do protejo do Cineclube é de que um projeto que ganha, em dois anos seguidos, Menção Honrosa num evento como o Encontro de Extensão do IFFluminense, que reúne tantos trabalhos bons, merecia uma segunda chance, mesmo que com nome diferente. Mas é algo que se relaciona, acredito, com a natureza dos projetos já que o Cineclube perdeu a identidade de um cineclube tradicional, e passou a atuar mais na área de produção audiovisual e educação patrimonial. Recentemente, no entanto, alunos do **campus** tiveram a iniciativa de criar um Cineclube **Nerd**, o que é muito bom para todos, afinal os filmes são fontes de criação para todos os que assistem, gerando assim novas ideias. E que viva o cinema! Eu adorei a iniciativa dos alunos!*

Concluo que o projeto do Cineclube em minha vida foi de grande importância, além de toda troca de conhecimento que proporcionou, a bolsa me concedeu minha primeira atuação na área de cultura como projetorista na V Semana Fluminense do Patrimônio, e acredito que isso é só o começo de muitas coisas que podem vir através da minha experiência neste projeto.

Cabe ressaltar que Patrick, como aluno do PROEJA em Segurança do Trabalho, teve de enfrentar um pouco do preconceito que muitas pessoas ainda carregam consigo em relação à educação de jovens e adultos. Em conversas informais que tivemos, ele me disse que a opção dele em entrar para o Cineclube e participar de inúmeras atividades vinculadas à área cultural foi algo que abriu novos horizontes, inclusive de futura formação acadêmica, para sua vida. Já em vias de concluir seu curso, mas com vontade de manter vínculo com o IFFluminense e continuar atuando junto ao Centro de Memória, ele acabou de ser aprovado no curso de Direito da Faculdade Redentor, em Campos dos Goytacazes. Seu bom desempenho nas provas o fez ser contemplado com uma bolsa de estudos que cobre o valor integral do curso.

O *Cineclube Histórias & Memórias* pode também contar, ao final de sua trajetória, com dois alunos voluntários que, mesmo não tendo sido oficializados enquanto tais por conta do curto tempo que restava para encerrar-se o cronograma do projeto, colaboraram muito para as ações de cobertura e edição em audiovisual. Amigos dos bolsistas, Hebron e Patrick, eles se integraram rapidamente à equipe e foram fundamentais na realização do documentário sobre a banda União Quissamaense. O primeiro deles, Germano Barcelos Silva, então aluno ingressante no curso de Segurança do Trabalho, foi indicado por Patrick pelo perfil que apresentava: possuía experiência com edição de imagem e som, já havia produzido pequenos filmes e dispunha de um canal no YouTube. Um pouco tímido e até arredio de início, Germano foi mostrando serviço e se destacou produzindo dois *trailers* apresentados junto com *O Gancho*, na Vila Operária do Engenho Central, por ocasião da V Semana Fluminense do Patrimônio. Acompanhou a equipe e teve participação ativa na cobertura do III Encontro de Extensão do IFFluminense, realizado no *campus* Campos Centro. O seu depoimento sobre a experiência vivida, em pouco mais de três meses, com a equipe do Cineclube, mostra o quanto ela foi significativa mesmo para ele, que já trazia consigo um cabedal de conhecimento adquirido na prática.

O projeto Cineclube foi umas das experiências que eu viveria mais de uma vez, não só pelo magnífico ambiente que me proporcionou, mas também pelo ótimo trabalho coletivo entre alunos e orientador. Essa enorme experiência também agregou conhecimento a mim, como no caso da antiga Usina (Engenho Central de Quissamã) em minha cidade, da qual eu nem sabia sua história e importância, tanto dentro como fora do município.

A minha participação mudou toda a minha opinião na área cultural, esse é o tipo de visão que você só adquire vivendo e conhecendo importância da história. Foi uma longa caminhada até a apresentação do projeto no III Encontro de Extensão do IFFluminense. O trabalho em equipe foi crucial e, como resultado, conseguimos realizar a apresentação oral de forma esclarecedora e objetiva. E o mais importante de todo esse processo foi absorver todo o conhecimento proposto pelo Cineclube.

Foi um período onde tive como aprendizado a enorme importância de preservar a história. Penso que todas as pessoas que participam dela devem ser homenageadas por sua bravura e infinita vontade, porque através da história de nossos antepassados que temos a chance de construir um futuro melhor.

O segundo voluntário, Robert Rodrigo Pareto Cardoso, teve uma trajetória um pouco mais longa com o Cineclube. Aluno de Eletromecânica, ele chamou atenção para si ao participar ativamente das exibições comentadas de filmes durante a II Semana de Integração e Cultura do *campus* Quissamã. Ele praticamente se fez presente em todas as sessões e, naturalmente calado, foi soltando a voz e dizendo o que pensava acerca de temas polêmicos, independentemente de debater com alunos ou professores. Robert mostrou que tinha muito a dizer e que era um aficionado por cinema e por sua cidade. Diante disso, foi convidado a ser voluntário e demorou um pouco a aceitar o convite. Quando o fez, quase ao mesmo tempo em que Germano passou a colaborar, deixou claro todo o seu comprometimento e sua vontade de aprender. Em poucos meses, tornou-se tão efetivo nas ações de cobertura de eventos quanto os próprios bolsistas. Assim como Germano, obteve destaque na V Semana Fluminense do Patrimônio e acompanhou a equipe ao *campus* Campos

Centro, participando também da cobertura do III Encontro de Extensão. Acumulou experiência, refinou seus conhecimentos e, em pouco tempo, fez por onde merecer a aprovação no processo seletivo para o projeto de extensão Centro de Memória Identidade Local & Patrimônio Coletivo. Com a decisão de não renovar o Cineclube, ele é atualmente um dos dois bolsistas do Centro de Memória, ao lado de Patrick. O seu depoimento acerca do voluntariado no Cineclube já aponta que sua migração para outro projeto, esse sim diretamente voltado para educação patrimonial, não foi um mero acidente de percurso ou falta de melhor opção.

Em qualquer época e lugar existem histórias para serem contadas com os mais diversos tipos de personagens, e através da linguagem audiovisual podemos nos comunicar diretamente com eles. Acredito que, quando buscamos compreender o nosso passado, principalmente onde vivemos, nos traz outra interpretação do nosso cotidiano e como enxergamos o mundo.

*Meu primeiro contato no Cineclube foi como espectador, pude assistir a um documentário sobre um personagem que tem muita influência em nosso presente, **Nilo Peçanha**, de uma forma bastante diferente, o que me possibilitou a chance de discutir, gerar reflexões e até mesmo aprimorar meu senso crítico, mudando a maneira de enxergar muitas coisas que acontecem no nosso dia a dia. Essa experiência me despertou um grande interesse e não demorou muito para que eu tivesse a oportunidade de contar também essas histórias e criar novamente esse contato com o público.*

Não foi sem dor na consciência que eu, Rogério Fernandes, resolvi matar um filho que me dera muitas alegrias, ou seja, tomei a decisão de não dar continuidade a um projeto de extensão consolidado por uma experiência de três anos ininterruptos. Não se rejeita uma cria a cada dia. Pois foi exatamente pensando na possibilidade de sobrevivência do projeto, independentemente de minha coordenação, que sugeri ao professor de Matemática, Gabriel Neves, tomar para ele a ideia do cineclube e redefini-la de acordo com suas próprias perspectivas. Antes que alguém pergunte o óbvio – por que um professor de Matemática?

– já adianta que o fato de gostar e entender de cinema independe da formação acadêmica de uma pessoa.



Figura 8. Gabriel Neves

Gabriel já havia demonstrado, em conversas informais e principalmente na exibição comentada que fez do filme *Paradise Now*, que possuía os predicados necessários para fazer o cineclube voltar a ser o que sempre deveria ter sido... um cineclube, daqueles que, antes de mais nada, exibem e debatem filmes. Pois foi justamente por isso que eu quis lhe transferir o legado, imaginando que ele poderia reescrever o projeto à sua maneira e submetê-lo à avaliação da Câmara de Extensão do IFFluminense para que pudesse ser desenvolvido em 2016. Mas assim como eu, que venho sendo atropelado pelos compromissos de um Doutorado, Gabriel também está na pista da academia, correndo o risco de ser atingido simultaneamente por um Mestrado e um Doutorado.

Como aficionado por filmes, fiquei bastante animado quando fui convidado pelo professor Rogério a participar do cineclube que ele encabeçava no IFF, onde, na época, eu ainda era um recém-chegado, tentando entender seu funcionamento e a dinâmica entre seus funcionários.

Ansioso por deixar minha marca no projeto, escolhi um filme que

*desenvolvia um tema espinhoso: terrorismo. Poucos meses após o que ficou conhecido como o Massacre do Charlie Hebdo, eu propus a mostra do filme **Paradise Now**. Para ficar ainda mais polêmico, a película parecia apoiar os “barbudos”? Bem... pelo menos tentava entendê-los, dar voz às suas angustias, algo tão necessário numa época quando só se fazia condená-los. Nada é tão simples e unilateral assim nesse mundo! O professor Rogério gostou! E para minha surpresa tive a liberdade e o conforto necessários para debater e conversar abertamente acerca de todos os tabus que o filme explorava, com os pré-conceitos devidamente postos para fora da sala de exibição, no Centro de Memória.*

Não foi à toa que quando recebi o convite para tomar a frente do projeto fiquei extremamente lisonjeado e temeroso. Era um projeto que representava a mim e, acredito, que a todos a favor da liberdade de expressão de pensamento, de modo que eu deveria criar um futuro que fizesse jus a esses passado e presente belíssimos do Cineclube. No entanto, fazer mestrado e doutorado ao mesmo tempo possui um custo, e me vi cometendo o pecado de recusar essa oportunidade. Quem sabe em 2017?

*Para minha surpresa e tranquilidade, o projeto acabou ficando nas mãos de quem, desde sempre, mais pertenceu: dos alunos. Ao menos uma versão **nerd** dele. É por isso que eu discordo veementemente do professor Rogério. O cineclube não morreu ou irá morrer, pelo contrário, ele ganhou vida e se reproduziu!*

Que bom que há discordâncias nesse texto! Melhor ainda que elas apareçam de um modo assim, tão veemente! Um dos legados que os debates promovidos nas sessões do Cineclube deixaram foi exatamente a certeza de que o conflito, especialmente o de ideias e palavras, não precisa ser necessariamente visto como algo negativo. Muito pelo contrário! O conflito faz parte da existência dos homens, da vida em sociedade. De acordo com uma visão dialética das coisas, o conflito pode gerar sínteses que inovam, que modificam a vida e apontam para algo diferente. Mesmo que o diferente seja apenas uma correção de rumo. Pensando assim, sou obrigado a dar o braço a torcer: o Cineclube morreu na sua forma anterior, mas está pronto para renascer a cada dia, de modos surpreendentemente diferentes. Ainda

que o professor Gabriel não tenha tido a oportunidade de homologar um novo projeto de extensão com a pegada de um cineclube, o fato é que, independentemente disso, o hábito de assistir e debater filmes continua solto no *campus* Quissamã. Mas há de ser dito que Lucas Craveiro, ex-bolsista do projeto e hoje principal responsável pela manutenção desse hábito, deve ter tido algum contratempo e não pode escrever seu depoimento acerca do que tem feito atualmente como o Cineclube *Nerd*. Nem mesmo uma foto de alguma das sessões – já aconteceram três, uma para cada uma das últimas três semanas – ele pôde enviar. Mas não tem nada não: isso acontece. O atropelo dos prazos nunca é o mesmo das coisas vividas.



Figura 9. Patrick e Hebron, bolsistas do Cineclube



Figura 10. Robert (ao fundo) e Germano, voluntários do Cineclube

Numa sala de cinema – daquelas bem grandes, com cheiro de mofo e nostalgia – não seria estranho dizer que a emoção começa quando as luzes se apagam. Mas certamente soaria esquisito, neste artigo, afirmar que é justamente no apagar das luzes que o futuro do Cineclubes se manifesta. Lucas Craveiro acabou de enviar seu depoimento, faltando poucas horas para findar o prazo de envio do artigo para publicação:

*Há menos de três anos atrás, eu ouvi falar no termo “Cineclubes”. Eu tinha acabado de entrar em uma escola nova, e haviam aberto o processo seletivo para novas bolsas, e uma que me interessou foi essa, a do “Cineclubes”. Logo no início do projeto, fomos capacitados em trabalhos com audiovisual, e nosso coordenador, formado em Cinema, nos orientava com relação aos mesmos. Aprendi tudo que pude sobre a história do Cinema, estilos cinematográficos, e logo na primeira sessão do nosso cineclubes começamos com **A Bruxa de Blair**. Bastantes pessoas compareceram, e a discussão pós-filme foi extremamente interessante e emocionante. Mas, após um tempo, eu saí dessa bolsa para uma mais próxima à minha área (Música) e o projeto se encerrou.*

*Mas, com o extremo estresse derivado de uma carga horária puxada, os alunos, inclusive novos alunos, após o encerramento do projeto, começaram a buscar formas de espalhar. Foram tentados esportes, jogos e filmes. A tentativa mais promissora foi assistir a filmes. Usando as salas de aula vazias da escola durante horários vagos, pequenos grupos de alunos se reuniam separadamente para assistir seus filmes favoritos, conversar ou só aproveitar o tempo juntos. Vendo esse movimento acontecer, junto com alguns amigos, nós começamos a movimentar esses alunos e outros inclusive para fazer uma sessão máster, com todos vendo juntos um mesmo filme. Foi realmente um sucesso! Começamos, e ainda estamos no início com poucos, mas juntos. Um aluno cuida do som, outro de baixar os filmes, outro do projetor, alguns trazem a pipoca, etc. Com o apoio da Direção do **campus**, conseguimos um espaço maior como o auditório, com acesso a um melhor som e climatização. Utilizamos de redes sociais como grupos no Facebook ou WhatsApp para manter todos informados, e decidir os filmes da semana. Ultimamente, temos seguido assistindo sagas ou universos cinematográficos, como os universos Marvel ou **Star Wars**.*

Não importa o lugar onde ocorram as sessões, não importa quem as organize ou como sejam distribuídas as tarefas. O fato é que a essência do cineclubismo está realmente viva e provavelmente incomodando alguém que – por algum motivo ou outro – não se conforma com o pleno exercício da liberdade e do bem pensar que é característico do cinema e de todas as artes.

E, como se diz no interior e provavelmente também em Quissamã, vamos beber ao morto. Sem álcool, é bom e necessário que se diga...

Referências

ALVES, G. & MACEDO, F. *Cineclube, Cinema e Educação*. São Paulo: Praxis, 2010.

BUTRUCÉ, D. Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história. *Acervo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, jan./jun. 2003. p 117-124. Disponível em: < <http://www.revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/236/198> > . Acesso em: 29 mar. 2015.

FERNANDES, R.; et al. Cineclube Histórias & Memórias: dois anos de ações em movimento, dentro e fora de Quissamã. *Cadernos de Extensão do Instituto Federal Fluminense*. v. 1, n. 2. [artigo aguardando publicação].

FERRO, M. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KORNIS, M. A. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.

MACEDO, F. O que é cineclube. Disponível em: <http://cineclube.utoopia.com.br/clube/o_que_e.html>. Acesso em: 1 mar. 2015.

XAVIER, I. *A Experiência do Cinema*. Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.